http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/as-crias-do-fogo

As crias do fogo[1]: alianças, existências e educações em meio ao Piroceno

Marcos Allan da Silva Linhares[2]

RESUMO: Este ensaio, escrito de forma experimentativa e narrativa, procura pensar em modos de criação junto com o fogo a partir de relações com humanos e mais que humanos em contextos filosóficos, artísticos, educativos, científicos, e... Para isso as crias do fogo foram inventadas, inspiradas em Donna Haraway, para acionar estórias que fogem as (bio)lógicas-ambientais para ousarem caminhos-outros em contato com o fogo e suas tramas. Dessa forma as crias do fogo despontam a partir de contextos educacionais, em aulas, documentos, notícias, registros imagéticos e escritos que experimentam outros modos de existências em companhia do fogo e das queimadas que aconteceram no Cerrado durante o ano de 2024. Nesse processo as crias coexistem, constroem linhas de existência produzindo maneiras de viver partilhando uma nova era intitulada Piroceno. As crias do fogo seguem seus modos de vida em movimentos de aliança, habitando as ruínas em processos de vida e de morte, tecendo práticas de colaborações simples, mas transformadoras. Elas continuam ocupando as vidas, as educações... agora com o fogo, mas também com as águas das enchentes, com os ventos dos vendavais, em conjunto com o movimento dos terremotos. Ficam com os problemas, não fogem deles.

PALAVRAS-CHAVE: Fogo. Piroceno. Educação. Fabulação. Estudos Multiespécies.

Las crías del fuego: alianzas, existencias y educaciones en medio del Piroceno.

RESUMEN: Este ensayo, escrito en un estilo experimental y narrativo, busca explorar modos de creación junto al fuego, partiendo de las relaciones con humanos y seres no humanos en contextos filosóficos, artísticos, educativos, científicos y otros. Con este fin, se inventaron las "criaturas de fuego", inspiradas en Donna Haraway, para generar historias que trasciendan los límites (biológicos) y ambientales, atreviéndose a forjar caminos alternativos en contacto con el fuego y sus complejidades. Así, las "criaturas de fuego" emergen de contextos educativos, en clases, documentos, reportajes, registros visuales y escritos que experimentan con otros modos de existencia en compañía del fuego y los incendios forestales ocurridos en el Cerrado durante el año

2024. En este proceso, las "criaturas" coexisten, construyendo líneas de existencia, produciendo formas de vida, compartiendo una nueva era llamada Piroceno. Las "criaturas de fuego" siguen sus formas de vida en movimientos de alianza, habitando las ruinas en procesos de vida y muerte, tejiendo prácticas colaborativas simples pero transformadoras. Siguen presentes en nuestras vidas, en la educación... ahora con el fuego, pero también con las inundaciones, con los vientos huracanados, además de los terremotos. Permanecen con los problemas, no huyen de ellos.

PALABRAS CLAVE: Fuego. Piroceno. Educación. Fabulación. Estudios multiespecies.

O futuro não demora.
Já aconteceu.
Olha o que aconteceu.
Aconteceu comigo.
O fogo que queima em você,
também queima comigo.
(“*Fogo*” de BaianaSystem e Orquestra Afrosinfônica, 2019)

Queima. A cidade queima. O cerrado queima. Estamos em chamas. Cercados pelo fogo, por sua raiva sagaz, por sua velocidade desmedida. Queimamos. Queima por onde ele passa: matos, becos, caminhos, esquinas... moradias, escolas, universidades. Queima. E com ele também somos queimados. Queimamos. Nosso corpo vira cinza, pálido, ardendo, sem ar. Queima. No céu substitui suas nuvens brancas por camadas escuras de fumaça. O fogo cobre o azul que ainda resta fagocitando tudo aquilo que antes era visível aos olhos nus. Uma espécie de areia movediça aérea onde quanto mais se olha, mas se perde na intensidade do rastro do fogo. Eram dias de fogo [3], como aconteceu na Amazônia em 2019 e em todos os outros anos em outros lugares e estados do país. De onde vem o fogo? Quem pode falar sobre o fogo? Quem são os “culpados” pelas queimadas? O que fica depois que o fogo se apaga?

Convivemos com o fogo desde muito tempo. Ora com utilidade, com função, ora com terror, com medo. Heráclito já dizia que o fogo é o princípio de todas as coisas. Ele é o início e o fim, o meio e o trajeto. É ele que dá o ponto de partida para a corrida, ao mesmo tempo que queima o corredor quando ele morre. É morte e vida, criação e destruição. O fogo é nômade, não se aprisiona e muito menos se controla. Ele não possui trajeto, trilhas ou caminhos, simplesmente existe para nos ensinar lições de renovação e desapego. O fogo-nômade é o próprio fora dentro da terra-Terra, ele nos coloca no vazio, nos expulsa de nossos confortáveis lares e de nossos ares

limpos para nos causar (in)movimentações para além daquilo que as “humanidades” podem saber.

Junto com ele também nascem as crias do fogo, aquelas que ardem e convivem com o fogo em seu cotidiano. As crias coexistem e criam seus modos de existência em companhia com as queimadas. Constroem linhas de existência produzindo maneiras de viver partilhando uma nova era intitulada Piroceno [4]. Nesse novo momento geológico, não existe mais separação, domínio ou controle do fogo, ao contrário, precisamos com-viver com ele, assumir com ele outras proporções, intensidades, lugares, texturas, solos, ares, ficando com o problema e fazendo dele aliança para a existência nesse mundo.

As crias do fogo fogem das questões (bio)lógicas-ambientais, pois não representam a culpa, a denúncia, a punição, ao contrário, elas sabem do “problema” e continuam vivendo com ele. Não quer dizer que não sofram, que não sentem medo ou angústia, mas ao invés de procurarem culpados para jogar a consciência pesada causada pelo problema, elas resolvem ficar com ele, inventando novas formas de resistirem nesse mundo de transformação e de companhias inusitadas.

O fogo, assim como suas crias, se apropria do “ficar com o problema”, como proposto por Donna Haraway (2023), por entenderem que viver no presente é habitá-lo independentemente de como esteja, “ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presente; não como um eixo que se desvanece [...] mas como bichos mortais entrelaçados em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, matérias e significados” (Haraway, 2023, p. 15).

Ficar com o problema implica um lugar-tempo que exige dos humanos e mais que humanos novas práticas de sobrevivência, convivência e criação de possíveis, como uma forma de responder as novas demandas do mundo e ressurgir a partir de “linhas de conexão inventivas como uma prática para aprender a viver e morrer bem uns com os outros” (Haraway, 2023, p. 15).

> Ficar com o problema requer estabelecer parentescos estranhos; isto é, precisamos uns dos outros em colaborações e combinações inesperadas, em amontoados quentes de composto. Devir-com reciprocamente, ou não devir em absoluto (Haraway, 2023, p. 20).

Para as crias o fogo é nômade, é processo de transformação, assim como a existência. O fogo

consome ao mesmo tempo que transforma, oferecendo novas maneiras de resistir e de sobreviver no mundo. Em meio ao fogo, as crias continuam inventando outros modos de resistir ao extermínio. Sagazes elas inventam estratégias, maneiras de manter seus mundos ou de criar outros mundos nesse mundo em destruição. As crias acabam se acostumando a viver nas ruínas, mesmo que isso as cause muitos danos e dificuldades, mas ao mesmo tempo em que se é filho do fogo, também se é filho da destruição, das ruínas, do mundo em chamas. Muitos morreram, outros fugiram, alguns desistiram, as crias insistem na vida, no cotidiano, convidando o fogo às experimentações, ao encontro.

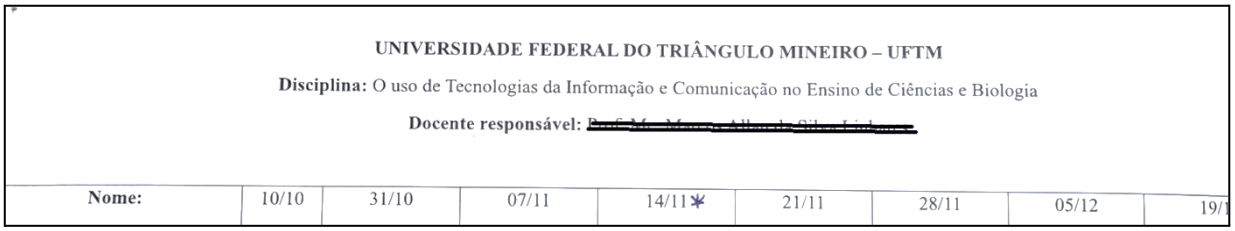
O que pode ser criado a partir da simbiose ardente tecida na relação entre o fogo, os humanos e os mais que humanos num contexto filosófico, artístico, educativo, científico, e...?

Fogo-professor... para deixar incendiar outras educações.

No meio das queimadas, uma estrada cortava o bioma fazendo a ligação entre a cidade e a universidade. Os montes antes verdes tornaram-se moradia do fogo que se alastrava dos dois lados da rodovia. Nela os carros transitavam normalmente, algumas vezes interrompidos pelo barulho da sirene dos caminhões dos bombeiros que hora ou outra passavam para apagar algum foco de incêndio. Apesar disso, a vida continuava. As crias do fogo iam e vinham: aprendizes, mestres, trabalhadores... o fogo-professor continuava fazendo a ponte entre a escola e a cidade, a vida e a destruição, o cotidiano e o inesperado.

O fogo-professor seguia, ensinando lições que fugiam as teorizações e os planejamentos pedagógicos. Sentia-se o calor na pele. As cinzas escuras e ardidas se depositavam em seu corpo. Mesmo assim, o fogo-professor seguia ensinando.

Antes de ir para a escola, recebeu uma mensagem: ***"O campus da univerdecidade está pegando fogo. Entretando as aulas serão mantidas. Fechem suas portas"****. Ia lecionar para outras 15 crias do fogo. Estavam estudando as tecnologias educacionais para a educação básica. Como essa tecnologia-teoria pode nos salvar do calor? Da fumaça? Da extinção da vida?*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO – UFTM

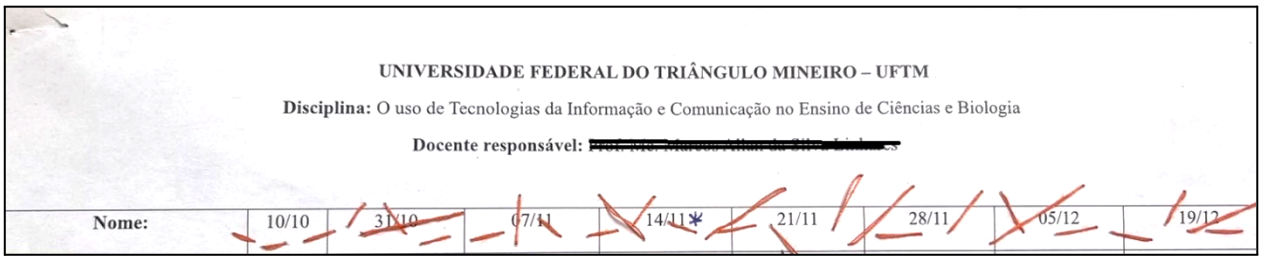
Disciplina: O uso de Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de Ciências e Biologia

Docente responsável: [redacted]

Nome:	10/10	31/10	07/11	14/11*	21/11	28/11	05/12	19/1

Durante semanas fazia o mesmo caminho: saía da cidade, atravessava o fogo, chegava na escola, lecionava sobre as mais atuais tecnologias do nosso século e voltava para casa. E o fogo continua queimando. Como ensinar em meio ao fogo? O que ensinar?

Nesse caminho, resolveu que não queria mais falar de tecnologias e comunicações. Agora queria falar de outras educações. Aquelas que ajudam a ficar com o fogo. Aprender com ele outras lições. Também as crias desejavam falar do problema e acompanhá-lo nesse tempo em que ele pulsava na cidade. Não queriam mais falar de uma educação "comum", despregada do que acontecia lá fora. Queriam entrar em aliança com o fogo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO – UFTM

Disciplina: O uso de Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de Ciências e Biologia

Docente responsável: [redacted]

Nome:	10/10	31/10	07/11	14/11*	21/11	28/11	05/12	19/12

O fogo passeia pelos dias, desmancha tempos, ultrapassa datas.

Refaz educações. Redesenha planos. Colore aulas.

É mestre da convivência, ocupando espaços-tempos com a sua presença.

É professor das paciências e das resiliências.

Ensina lições de ocupação e de passagem.

Ocupa universidades, passeia pelas salas de aula.

Deixa seu rastro.

O que podemos aprender com o fogo-professor?

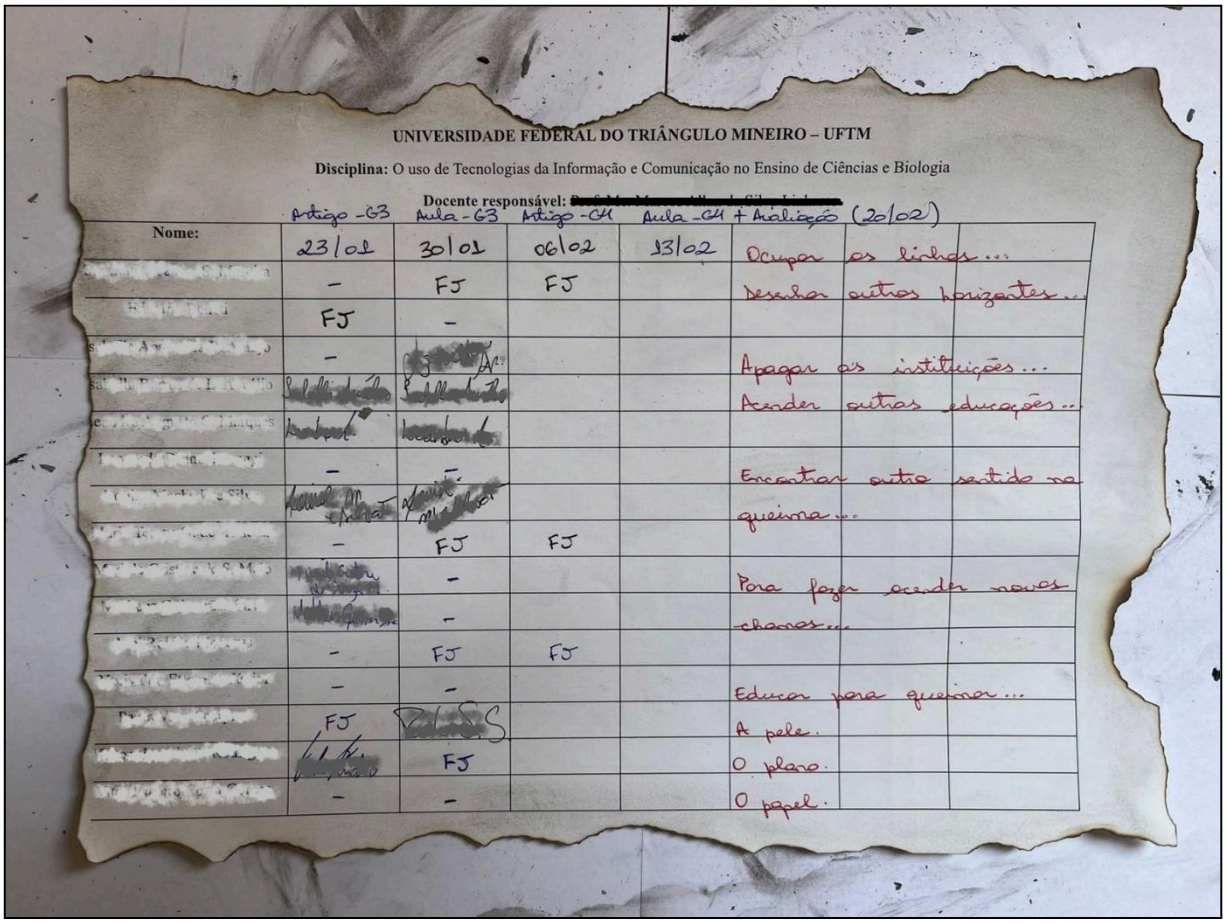
O ensino, o currículo e a biologia também não podem dar espaço ao fogo em suas salas de aula?

As crias continuaram. Resolveram germinar ideias e discussões do fogo. Quem os acode quando

atravessavam o fogo para lecionar e aprender? Quem se preocupa com o fogo? Que lugar o fogo, as queimadas têm em nossas instituições de ensino: desastre, destruição, fim... reinvenção, resistência, aprendizagem?

A aula continuou, durou horas. Entre desafios, lamentações e possibilidades, havia esperança de continuar vivendo-com o fogo. Ficar com o problema. Sonhar outros possíveis quando as chamas se apagarem. O que esperar do porvir? Não se sabe, mas todas as sextas as crias do fogo se encontram no mesmo lugar. Esperando outros assuntos para continuarem debatendo, pensando e divagando na esperança de que novos possíveis possam ser construídos juntos.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO – UFTM

Disciplina: O uso de Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de Ciências e Biologia

Docente responsável: [redacted]

Nome:	Artigo -G3 23/01	Aula -G3 30/01	Artigo -G4 06/02	Aula -G4 13/02	+ Avaliação (20/02)
	–	FJ	FJ		Ocupar os lixões...
	FJ	–			Desenhar outros horizontes...
	–				Apagar as instituições...
					Acender outras educações...
	–	–			Encontrar outro sentido na
	–	FJ	FJ		queima...
		–			Para fazer acender novas
		–			chamas...
	–	FJ	FJ		
	–	–			Educar para queimar...
	FJ				A pele.
		FJ			O plano.
	–	–			O papel.

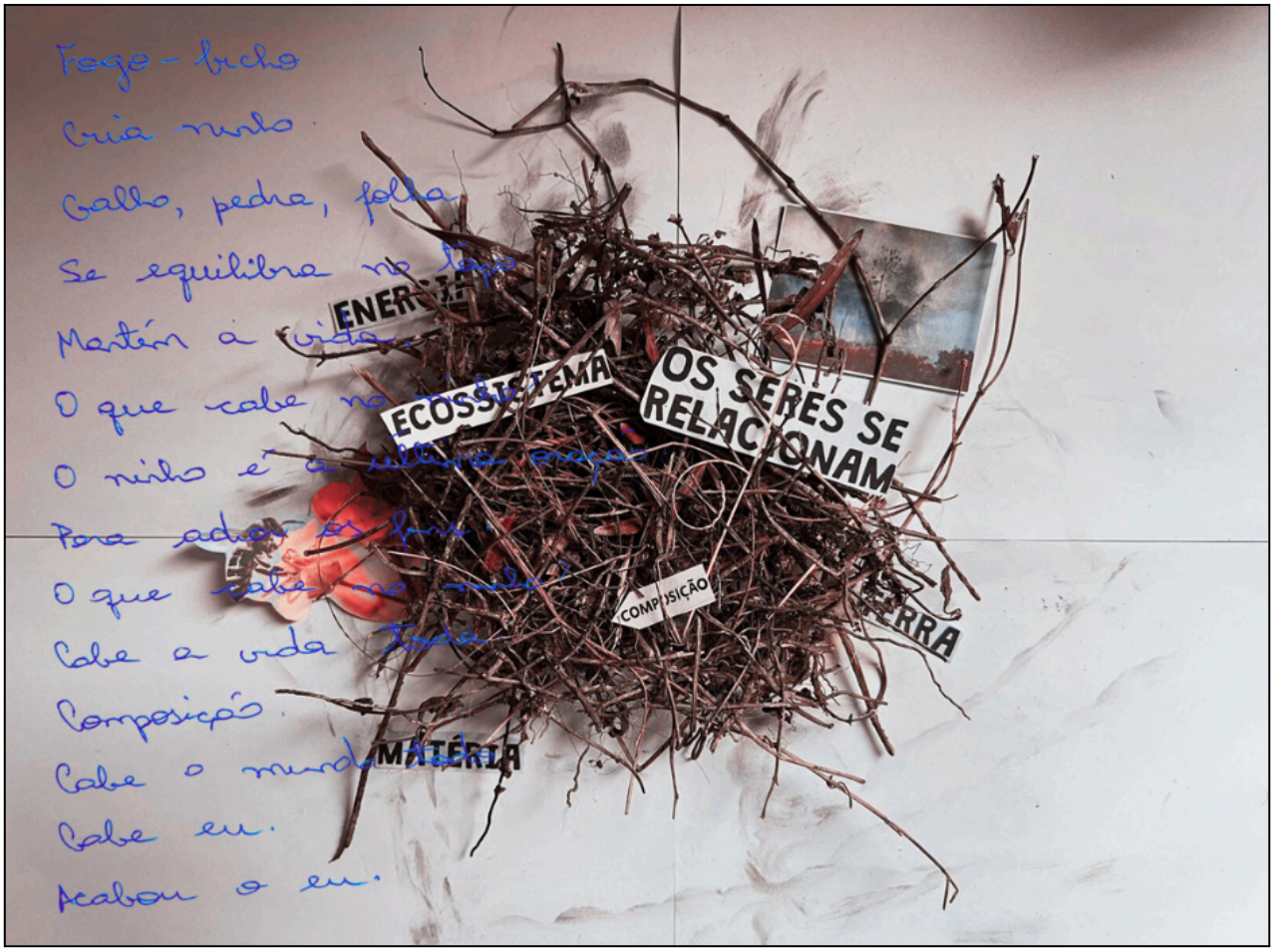
Fogo-bicho... para sobreviver entre as labaredas.

Em meio ao fogo, ele correu. Fogo-bicho. Se escondeu a uma pilha de serapilheira alimentando a esperança de também não ser queimado como os seus parentes (os de sangue e os de mundo). Escondeu no corpo alimento, água e sonhos para seguir nutrido em um mundo em catástrofe. O que seria melhor do que se nutrir de sonhos em um planeta desnutrido de cor? Seguiu. Correu. Sorrateiro por entre as frestas, pelos buracos e vielas pretas como carvão. Encontrou refúgio nas casas, nos esgotos, nos lugares imprestáveis, mas que agora eram acampamentos de bons sentimentos. Mesmo com o fogo e o calor, só queria chegar em sua casa para alimentar os seus filhos. Tinha saído cedo para coletar alimentos, buscar água, mas o canavial de fogo tinha atrasado sua volta. Seu rastro era espaço para o fogo correr e se afastar das plantações. As vezes também servia de caminho para o vento passar e amenizar as labaredas que ocupavam o ambiente. Mas só queria chegar em casa para alimentar seus filhos.

Fogo-bicho deixa marcas, faz cicatriz, abre caminho para a passagem do fogo. Muda sua rotina para aprender a viver-com o calor, com a variação do clima, com as mudanças do mundo em

destruição. O fogo-bicho ocupa todos os lugares: da terra ao céu. Aprendem com o fogo a serem resilientes, resistentes, adaptáveis, como deve ser a vida. Ficam com o fogo na tentativa de ousarem outros modos de vida em meio as queimadas. Reinventam suas casas, seus ninhos, suas matilhas. Agora os ninhos são feitos nas copas das árvores. As tocas não têm abertura, são subterrâneas. As vezes caçam e se alimentam junto com o fogo. Algumas vezes antes, outras depois das queimadas. Sabem quando e como fazerem os melhores horários para sobreviverem. Não se entregam ao fogo. São fogo-bicho, em simbiose, conexão mutualística de resistência e sobrevivência.

Fogo-bicho acha alimento nos lugares inimagináveis. Ocupa as casas, as escolas e as praças. É duro ser fogo-bicho nas queimadas. Atravessar o calor, se desenrolar por entre os pés, pular por entre as chamas para poder sobreviver. É aprendiz das expertises. Conhecedor dos atalhos. Sabe ocupar os espaços, desviar, fugir, correr, fazer morada. Fogo-bicho que é nômade. Escorregadio. É vida que escorre, que queima, que resiste.





Fogo-mato, fogo-semente, fogo-vida... para ocupar outros possíveis.

Era um dia comum quando o fogo chegou. Um dia pacato, como qualquer outro com vento e com sol. Chegou do nada, rasgando e ardendo sem pedir licença. Ficamos sem caminho, cercados por sua ira íamos junto com ele queimando e dissolvendo nosso corpo em cinzas. O pouco de água e oxigênio que habitavam nossos corpos eram transformados em gás carbônico. Poeira preta que começava a pintar o céu.

Corremos juntos. Habitamos a cidade e os campos. Corremos pelas escolas e universidades. O fogo pegou carona em nossas existências. Subia em nosso corpo como a seiva que vinha de nossas raízes. Éramos passagem de sua potência. Ou lutávamos contra a sua força ou co-existíamos juntos nesse mundo. Ficamos em companhia. Ultrapassando os limites e as demarcações dos espaços instituídos, criamos o nosso próprio lugar.

Não existiam espécies, classificações, separações... era tudo fogo-vida. Fugindo, subindo, espalhando, aprendendo, crescendo e ocupando os lugares juntos. Não existiam limitações para o fogo-vida, ele toma conta do céu e da terra, das grandes e das pequenas superfícies. Converte todas as formas de vida ao seu poder. É múltiplo, nômade, escorregadio, vazando pelo mundo, fugindo dos dias comuns.

Convivemos juntos por quase uma semana. Foi uma relação bem difícil, mas sobrevivemos. O fogo não sabia, mas tínhamos reserva. Fogo-semente de vida que estava esperando os tempos ruins passarem. Agora elas serão nossa esperança para seguirmos (re)habitando o nosso lar. Muito foi perdido. Mas o fogo também é esperança. Permanece trazendo o ar para seguirmos renascendo, brotando e espalhando nossos esporos de vida.

Fogo-semente, Fogo-mato... "tem que morrer para germinar" [5], ou melhor, matar para germinar. Germinar novas vidas, novas existências. Fogo-esperança, para "ressuscitar no chão" uma semeadura, uma esperança. Pode ser que demora, mas viver exige primeiro a morte, para depois o renascimento. Morre, nasce, renasce, morre. Fogo-mato, chegando do nada, ao nada. Faz caminho, arrasta todos consigo, fogo-mato se dissolve em cinzas. Em coletivo, sempre junto.



As crias do fogo sabem que não podem começar do zero. Que com as perturbações e alterações nada irá ser como era antes. E está tudo bem. Elas até preferem seguir suas vidas nesse ritmo. Se refazendo, dia após dia. Convivendo com o fogo, ficando com ele. (Re)fazendo novos projetos de mundo à medida que outras mudanças acometem suas paisagens, o seu dia a dia. Elas sabem que as perturbações-contaminações-transformações, para além do dito que elas são, as oferecem a possibilidade das experimentações, de criar algo novo em meio ao caos. O fogo também pode produzir diversidade.

Assim as crias do fogo seguem em seus modos de vida em processo de aliança, de convergência criando parentescos estranhos, com os humanos e mais que humanos, habitando as ruínas em processos de vida e de morte, tecendo práticas de colaboração simples, mas transformadoras. Continuam ocupando os lugares das ruínas: nesse momento pelo fogo das queimadas, mas poderia ser também pela água das enchentes, pelos ventos dos vendavais, pela terra dos terremotos. Ficam com os problemas, não fogem deles.

Ficar com o problema agora é combater o fogo? Aprender a queimar com ele?

Bibliografia

BAIANASYSTEM; ORQUESTRA AFROSINFÔNICA. **Fogo.** 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uKWkBPo4-9s&list=RDuKWkBPo4-9s&start_radio=1 Acesso em: 10 de março de 2026.

GILBERTO GIL; CAETANO VELOSO. **Drão.** 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6vPPCooBoP0&list=RD6vPPCooBoP0&start_radio=1 Acesso em: 10 de março de 2026.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. Edições N-1, 2023.

Recebido em: 15/03/2026

Aceito em: 15/07/2026

[1] Este ensaio foi inspirado no conceito de “crias do composto”, cunhado por Donna Haraway (2023). Para a autora as crias do composto são seres que amadurecem na terra para dizer não ao pós-humano de cada dia, escrevendo estórias e vivendo suas vidas em meio à destruição provocada pelo capitalismo e pelo antropoceno.

[2] Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Professor de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). Membro do UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida. E-mail: marcosallan.18@gmail.com.

[3] O “dia do fogo” foi o nome dado aos incêndios orquestrados na Amazônia no ano de 2019 de forma criminosa e irresponsável por produtores rurais da região norte em busca de atenção das autoridades sobre a falta de apoio do governo para as atividades produzidas no bioma aquele ano. Saiba mais em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49453037

[4] Para saber mais sobre o Piroceno, conferir em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv21m0xz8yvo.

[5] Os trechos entre aspas nesse parágrafo pertencem a canção “Drão” de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Ivete Sangalo, lançada em 2012.